

A NOVA CIÊNCIA POLÍTICA, DE ERIC VOEGELIN

Newton de Oliveira Lima¹

VOEGELIN, Eric. **A nova Ciência Política**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.

RESUMO DESCRITIVO

Em "A Nova Ciência Política", edição pela Editora da Universidade de Brasília, Brasília, 1982, Eric Voegelin realiza a contraposição entre cristianismo e gnose; mostra, a partir de uma investigação metodológica com fulcro em Aristóteles e seu método essencialista, que a história da Política no Ocidente é um desenvolvimento contínuo de heresias, de temas ideativos que violentam a ortodoxia católica posta em voga a partir dos Concílios e mantida pela tradição. Assim, a catolicidade política continua a percepção do naturalismo político aristotélico, que vê na representação política a correspondência com a verdade da essência da sociedade, de que esta última é composta por famílias e não pelo conceito abstrato de povo, e que devem existir virtudes públicas centrais numa pólis. O movimento gnóstico subterrâneo, portanto, combate a ortodoxia católica e, conseqüentemente, toda a concepção ocidental de civilização. Ele possui reflexo na concepção de milenarismo do historiador Joaquim de Flora e seu impulso desestabilizador da construção agostiniana da tensão entre "Civitas Dei" e 'Civitas mundi', central na Idade Média. A concepção de que o reino de Deus deve se manifestar historicamente e o mais brevemente possível é uma forma herética messiânica, tal como suas diversas manifestações e desdobramentos, como o marxismo e seu historicismo materialista dialético, a revolução puritana inglesa, o humanismo moderno, o nazi-fascismo, enfim, todas heresias políticas que se baseiam em falsas categorias de

¹ Newton de Oliveira Lima é professor Assistente de Filosofia Geral e Jurídica da UFPB – Universidade Federal da Paraíba.

representação política, a "classe", o "povo", a "humanidade", a "raça". A conclusão é instigante e mostra Hobbes e sua concepção de Leviathan como centrais nesse gnosticismo político moderno, um Estado forte onde a religião é submetida representa o ponto alto da laicidade que se sobrepõe ao fundamento religioso. Voegelin considera que o gnosticismo presente na revolução puritana, todavia, não conseguiu destruir a forte religiosidade anglo-saxã que resistiu às incursões laicas do puritanismo, e que se expressa nos movimentos políticos conservadores nos Estados Unidos e na Inglaterra, o que se opõe ao progressismo iluminista principalmente alemão, cuja expressão paradoxal foi o nazismo e seu drástico poder de destruição, culminância da capacidade de uso dos instrumentais tecnológicos da modernidade sem quaisquer limitações éticas.

RESENHA

Voegelin utiliza-se de uma metodologia filosófica essencialista aristotélica e fenomenológica a fim de desenvolver o conceito de representação política adequada, julga encontrar na unidade básica da família tal conceito representativo, de onde retira a fundamentação padrão de uma representação do bem comum como generalização do bem da família; uma sociedade política teria, portanto, que conceber formas do bem-estar familiar como sua finalidade primaz. O objetivo do autor, portanto, é assegurar a família como fulcro da Política e, na extensão do pensamento aristotélico, assegurar a primazia de valores políticos virtuosos. A defesa de uma posição aristotélica não implica necessariamente uma postura ética abstrata ou religiosa conservadora, mas uma categoria histórico-política que se deve preservar como finalidade da comunidade. O gnosticismo é, em verdade, um movimento anti-religioso num sentido radicalmente não ortodoxo e, dessa forma, pretende fundar, desde o impulso que lhe deu Valentino no século II d. C., uma crítica ao cristianismo em prol de uma visão mística mais abrangente do sagrado.

A associação de Voegelin da herética com a gnose parece projetiva de linhas de fundamentação que não se cruzam, pois grandes hereges como Ario, Montanus, Marcião etc., não se comunicam em suas origens históricas com a gnose, que é de

matriz filosófica sincrética, iluminista e, ao mesmo tempo, místico-cosmológica, e não propriamente cristã reformista, como as heresias. Qual, então, o sentido de heresia que Voegelin pretende adotar como consequência da gnose? É a possibilidade de questionar a tradição em prol do progresso, do esclarecimento, da busca da ciência; gnose é ciência, saber supremo e, nessa perspectiva, superação do próprio cristianismo. Nesse sentido, o Iluminismo é consequência tardia do gnosticismo, assim como o é a noção moderna de progressismo como modernização, pulverização das concepções de mundo fixas e eventualmente consideradas autoritárias, tal como a tradição cristã é vista pelos místicos, hereges etc.

Gnosticismo é sabedoria para além da religião, mas também possui consequências históricas que se revelam como desestabilização de toda ordem, a qual no Ocidente se fixa no paradigma da catolicidade, principalmente. Assim, atacar a ordem é progresso. O que Voegelin descreve é a deflagração da desordem como consequência do impulso de laicização e essa onda arrasta consigo toda a possibilidade objetiva de valores. Voegelin analisa o caso de Max Weber, mostrando como suas vacilações teóricas e sua adesão prática ao positivismo o impediram de apreender objetivamente os valores, aproximando-se de Nietzsche quanto ao relativismo, mas sem recair na “revolta contra Deus” deste último. Essa base não religiosa e não estável de valores faz com que a tradição seja obnubilada pela função crítica das heresias manifestadas historicamente; assim, marxismo, humanismo, racionalismo, laicismo, historicismo e positivismo, bem como o relativismo e a descrença em valores, perfazem o método de desconstrução de valores e na base disso a impossibilidade de uma teoria unificadora de valores, principalmente na impossibilidade da religiosidade.

O que se depreende da leitura é que Voegelin traça um embate de concepções metafísicas diferenciadas, uma, religiosa, a outra, laica e gnoseológica, afeita, portanto, ao projeto de laicidade que se inicia com a crítica das condições de toda religiosidade, portanto, já com a gnose no século II, d.C. O progresso social indica que a tecnologia e a ciência são os critérios de veracidade. O Estado moderno é o grande aparato técnico-jurídico da burguesia laica e, no fundo,

gnóstica, em que ela pode se reconhecer como cumpridora da modernização humana.

Voegelin assevera que o progressismo é mais forte na Alemanha do que no mundo anglo-saxão. Embora isso possa parecer verídico, é uma assertiva ampla e abarca talvez um modo de compreender o progressismo. Quando se pensa em Kant, Goethe, Schiller, Beethoven, Feuerbach, Hegel, Marx e Nietzsche, efetivamente encontramos-nos no âmbito de um progressismo, todavia, isso não assegura que se tenha tal percepção como modernidade, pois esses filósofos, embora apregoem a modernidade, também possuem um amplo potencial antimoderno, algo bem comum no paradoxal pensamento filosófico alemão em sua tensão entre o ideal e o histórico, entre o racional e o material (Hegel é monarquista; Kant é um moralista racionalista que combate o utilitarismo; Marx é anticapitalista e Nietzsche é antirracionalista), ou seja, a tese de Voegelin de associar modernidade e gnose não é tão patente assim, ficando a desejar quanto ao caráter objetivo da gnose como incitadora da modernidade. Todavia, o élan apontado por Voegelin entre gnose e crítica ao cristianismo é válido como manifestação descritiva e projetiva de forças que se lançam em conflito na História e suas surpreendentes conclusões e sínteses de sentido se dão como um alerta às tensões mal-resolvidas no interior da cultura, o que ameaça o desenvolvimento das forças humanas em suas manifestações constantes e criativas de novas formas de convivência e estabilização dos impulsos de criação e destruição.